

**PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA DE CORDÉIS
EM UMA ESCOLA DA ZONA RURAL**

Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha (UFT)

angelitafontenele@hotmail.com

Eliane Cristina Testa (UFT)

lialeny@uft.edu.br

RESUMO

Este artigo é fruto da dissertação de mestrado *Práticas de leitura e de escrita: o cordel no Ensino Fundamental* (2020), de Angelita Fontenele Rodrigues da Cunha. O foco é apresentar aspectos pedagógicos que enfatizam como se deu a produção escrita de cordéis no Ensino Fundamental, em uma escola rural de Teresina, Piauí. Metodologicamente, é um trabalho qualitativo e de revisão bibliográfica. Como fundamentação teórica utilizamos Pound (1970), Bakhtin (2011), Candido (2011; 2017), Cosson (2018) e Zumthor (2005). Além disso, foram analisados os seguintes documentos curriculares: BNCC (2018) e Currículo de Teresina (2018). Ademais, as discussões incluem os estudos de Bordini e Aguiar (1993); de Koche, Marinello e Boff (2015); de Pinheiro (2018); de Soares (2017); de Sorrenti (2019) e de Testa (2015). Como resultado, verificamos que a literatura de cordel conseguiu cativar os jovens estudantes, principalmente, em virtude das dimensões da oralidade, da linguagem e das temáticas exploradas (que envolveram também a produção dos cordelistas da região de Teresina, Piauí). Portanto, o cordel é capaz tanto de promover o engajamento dos aprendizes adolescentes com a valorização daquilo que eles têm em sua cultura local, como de efetivar o letramento literário dos discentes.

Palavras-chave:

Letramento literário. Literatura de cordel. Práticas de Leitura e de Escrita.

ABSTRACT

This article is the result of the Master Dissertation *Práticas de leitura e de escrita: o cordel no Ensino Fundamental* (2020) by Angelita Fontenele Rodrigues da Cunha. The focus is to present some pedagogical aspects that emphasize how happened the written production of Cordel Literature in elementary education of a rural school in Teresina, Piauí. Methodologically, it is a qualitative and bibliographic revision inquiry. We used Pound (1970), Bakhtin (2011), Candido (2011; 2017), Cosson (2018) and Zumthor (2005) as theoretical base. Besides that, some curricular documents were analyzed such as BNCC (2018) and Currículo de Teresina (2018). Thus, the discussions include the studies of Bordini and Aguiar (1993); of Koche, Marinello and Boff (2015); of Pinheiro (2018); of Soares (2017); of Sorrenti (2019) and of Testa (2015). As a result, we verified that the Cordel Literature achieved to captivate, mainly, the young students because of the orality dimensions of the language and the explored thematic (that also involved the production of cordel people of Teresina region in Piauí. Hence, the engagement of the teenager's learners with the Cordel Literature generates a valorization of what they have in their local culture as well as it is able to make effective the Literary Literacy of the students.

Keywords:

Cordel Literature. Literary literacy. Reading and written practices.

1. Considerações iniciais

Este trabalho propõe apresentar um recorte da dissertação de mestrado “Práticas de leitura e de escrita: o cordel no ensino fundamental”, de Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha, que teve como objetivo principal efetivar o letramento literário dos alunos de uma turma de 8º ano de uma escola da zona rural, da cidade de Teresina (PI). Com esse objetivo, evidenciamos algumas estratégias pedagógicas que nos auxiliaram nas práticas de leitura e de produção textual para efetivação do letramento literário. Ressaltamos, ainda, que trabalhamos com os seguintes escritores cordelistas: José Bezerra de Carvalho, Raimundo Clementino Neto, Joaquim Mendes Sobrinho; e com as cordelistas Maria Luzinete Fontenele e Josefina Gomes Ferreira Lima, da região de Teresina (PI), principalmente, com o intuito de desencadear nos aprendizes a valorização daquilo que eles têm em sua cultura local. Percebemos que, com as visitas dos escritores e das escritoras cordelistas à nossa sala de aula, a literatura acabou por se tornar mais próxima dos alunos, mais dinâmica e viva. Consequentemente, essa proximidade ajudou no nosso trabalho pedagógico, facilitando o processo de ensino e de aprendizagem que envolve professor e aluno, mediante as relações que se dão numa rede de ações estratégicas, efetivas e afetivas.

O trabalho com o cordel foi escolhido por acreditarmos que o letramento literário, enquanto uma prática social, ajuda os jovens estudantes em suas perspectivas sociais e visões de mundo. Para desenvolvê-lo, apoiamos-nos nas orientações do documento Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018) e do Currículo da Rede Municipal de Teresina (2018) que defendem a necessidade de os estudantes terem contato com diversos gêneros textuais. Além de seguirmos as orientações dos documentos oficiais, pautamos-nos também nos estudos sobre letramento, de Soares (2017), e sobre letramento literário, de Cosson (2018), sobretudo, por suas abordagens teórico-críticas, que corroboraram as práticas de ensino de literatura. A leitura desses autores foi de fundamental importância para conseguirmos desenvolver, com mais profundidade e amplitude, diferentes práticas de leitura e de escrita de textos cordelianos junto aos nossos discentes. Além disso, os cordéis produzidos pelos alunos demonstram que é possível trabalhar com a poesia em sala de aula.

O trabalho com os cordéis foi realizado em duas etapas, a saber: (i) o processo de ensino e de aprendizagem da técnica poética para a produção de sextilhas (estrofes de seis versos); e (ii) uma produção coletiva dos alunos sobre a cena do cordel em Teresina (PI). Essas duas etapas concentram muito das nossas propostas pedagógicas, além de incluírem os direcionamentos na elaboração das atividades.

Afora as Consideração iniciais, as Considerações finais e as Referências, este trabalho está estruturado em cinco seções, a saber: (i) Letramento literário: perspectivas na escola; (ii) O cordel na BNCC e no Currículo Municipal de Teresina; (iii) O cordel na sala de aula; (iv) As produções de cordéis dos estudantes da turma do 8º ano; (v) Das entrevistas com os cordelistas à produção de cordéis; (vi) Uma oficina para produção de sextilhas sobre a cena do cordel em Teresina; (vii) A culminância do projeto: visita de um repentista.

2. *Letramento literário: perspectivas na escola*

Efetivar o trabalho com a leitura literária na sala de aula é sempre um grande desafio para o professor, que deve ter consciência de que o trabalho com a literatura é um processo contínuo e que pode movimentar, de vários modos, as práticas docentes. Assim, urge sempre sairmos em busca de diferentes metodologias que possam possibilitar aos estudantes a aquisição de habilidades leitoras do modo mais prazeroso possível. Essas mesmas afirmações podem ser feitas para falar da promoção de competências de escrita, pois ler e escrever são habilidades que caminham juntas no letramento dos alunos, sendo, muitas vezes, indissociáveis.

Nessa perspectiva, é importante destacar o que preconiza Magda Soares (2017), para quem o letramento, de modo amplo, é um estado ou uma condição adquirida por um indivíduo ou por um grupo social, em diferentes contextos sociais:

Letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, [...] é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social. (SOARES, 2017, p. 72)

Desse modo, como afirma a autora, vemos que se faz necessário a escola e/ou o professor buscarem meios de melhor efetivar o letramento dos jovens estudantes. Destacamos, ainda, que Rildo Cosson (2018) trata

do letramento literário defendendo fortemente o trabalho com o texto de literatura na escola. Por isso, buscamos desenvolver o letramento literário mediante a leitura e a escrita de cordéis, visando, principalmente, a ampliar os conhecimentos literários dos aprendizes adolescentes, preparando-os melhor para os possíveis encontros com os diferentes textos que circulam na sociedade.

Quanto às concepções de literatura, adotamos as elaboradas por Ezra Pound (1970), Mikhail Bakhtin (2011) e Antonio Candido (2011), que se estendem também à função social da literatura e da obra literária. E, assim como este último autor, acreditamos no poder humanizador da literatura e que ela possibilita um

[...] exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (CANDIDO, 2017, p. 182)

Nesse sentido, vemos que a literatura faz parte da vida, da complexidade do mundo, uma vez que ela implica diferentes valores socio-culturais.

Também sobre a literatura, Pound (1970) nos diz que:

A literatura não existe num vácuo. Os escritores, como tais, têm uma função definida, exatamente proporcional à sua competência como escritores. Essa é a sua principal utilidade. Todas as demais são relativas e temporárias e só podem ser avaliadas de acordo com o ponto de vista particular de cada um. (POUND, 1970, p. 36)

Ao pensarmos no que defende o autor, é importante percebermos que ele situa a literatura no mundo a partir da sua “função”, determinada diretamente pela competência daquele que a produz, o escritor. Pound também afirma que a literatura não existe “num vácuo”, o que significa dizer que ela está no mundo da cultura; produz cultura e é produzida por ela.

Já para Bakhtin (2011), os estudos literários devem estabelecer vínculos estreitos com a história da cultura, por isso: “A literatura é parte inseparável da cultura, não pode ser entendida fora do contexto pleno de toda a cultura de uma época (...)” (BAKHTIN, 2011, p. 360). Sendo assim, entendemos que a literatura é desenvolvida nas tramas da cultura e que se dá a partir das vivências de uma época, uma vez que contempla as experiências dos escritores e dos leitores.

Então, percebemos que a literatura não surge do nada, pois ela é “parte inseparável da cultura” (BAKHTIN, 2011, p. 360). Apesar de os escritores poderem retratar um mesmo evento ou fenômeno a partir do seu ponto de vista, ou das suas individualidades/singularidades, o que dá origem a concepções que podem ser distintas, mas também podem ser semelhantes. Isso porque os escritores não vivem sozinhos no mundo e, mesmo diante de suas subjetividades, os temas e/ou as problemáticas abordadas em sua produção literária nunca são objetos fechados, mas passíveis de muitas leituras.

Desse modo, a leitura literária oportuniza aos alunos vivenciar diferentes contextos e perspectivas da cultura. Por isso, Bordini e Aguiar (1993, p. 16) asseguram que

[...] a formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 16)

Assim, mediante a afirmação dos autores, compreendemos o importante papel da escola como fomentadora das práticas de letramento. Também, conforme defende Cosson (2018): “(...) devemos compreender que **o letramento literário é uma prática social** e, como tal, responsabilidade da escola” (COSSON, 2018, p. 23, grifo nosso).

Foi partindo dessa compreensão que nosso trabalho com a literatura de cordel desenvolveu-se a partir da interação entre aluno, autor e texto. Por essa razão, recebemos na escola os cordelistas José Bezerra de Carvalho, Raimundo Clementino Neto, Joaquim Mendes Sobrinho e as cordelistas Maria Luzinete Fontenele e Josefina Gomes Ferreira Lima. Com exceção do cordelista José Bezerra⁴⁰², todos os outros estiveram em nossa sala de aula. Assim, houve uma grande interação entre os escritores cordelistas e os estudantes da escola rural. E esse contato direto dos alunos, no próprio ambiente escolar, ajudou, em grande medida, nossas práticas pedagógicas, que foram voltadas à dinamização das competências de leitura e de escrita dos discentes.

Além disso, a nossa metodologia de trabalho seguiu as orientações da sequência básica proposta por Cosson (2018), que é constituída

⁴⁰² Por motivo de saúde, o cordelista não pôde comparecer à escola. Contudo, Bezerra recebeu um grupo de alunos na biblioteca de sua casa, onde foi realizada uma entrevista, que depois foi compartilhada com o restante da turma.

por quatro passos: “(...) motivação, introdução, leitura e interpretação (...)” (COSSON, 2018, p. 51), que se seguiram das produções textuais dos alunos. Ademais, realizamos a aplicação “adaptada” da sequência expandida, que “(...) vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literários inscritos no horizonte desse letramento na escola” (COSSON, 2018, p. 76).

3. O cordel na BNCC (2018) e no Currículo da Rede Municipal de Teresina (2018)

O documento da BNCC (2018) assume que a “(...) educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2018). Dessa forma, reafirma um compromisso nascido ainda com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em uma concepção de linguagem como forma de ação e de interação no mundo.

[...] não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem. (BRASIL, 2018, p. 67).

Em consonância com a normativa da BNCC (2018), a SEMEC atualizou suas bases curriculares, inclusive quanto a aspectos locais, visando a um processo de ensino e de aprendizagem voltado para o uso da língua e seu funcionamento em textos orais e escritos, nos diversos contextos. Na sala de aula, isso se traduz na contemplação de campos de atuação das diferentes linguagens, guiados por objetos de conhecimento, com as habilidades a serem desenvolvidas definidas por séries (Currículo de Teresina, 2018).

Assim, ratificamos que nosso trabalho em sala de aula com o texto literário de cordéis seguiu as orientações dos documentos oficiais, observando inclusive, pelos trechos citados, que há, entre os documentos educacionais, os mesmos direcionamentos/orientações em relação às capacidades de uso das linguagens. Desse modo, vemos que existe um mesmo discurso estabelecido para as concepções de texto, de gênero e de linguagem, além da importância dada aos intercâmbios entre linguagens orais e escritas e entre as variações e a norma culta, como princípios constitutivos da linguagem.

4. O cordel na sala de aula

Muitas vezes, o cordel é tomado como uma literatura mais popular, em virtude de diferentes aspectos, e a escola nem sempre o reconhece como uma literatura que pode ser utilizada na formação leitora de crianças, jovens e adultos. Segundo Pinheiro (2018, p. 11), o cordel, “(...) de todos os gêneros literários, provavelmente é o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula”. Então, levar o cordel para sala de aula é permitir aos alunos o acesso à poesia, e o estudo realizado por nós consegue evidenciar que os textos de cordéis têm seu espaço na escola e podem ajudar na formação de leitores literários.

Também, comumente, os adolescentes costumam ser resistentes à poesia por diferentes fatores e, com as novas tecnologias à mão, às vezes, não se dispõem a conhecer o mundo dos versos, mais ainda porque enfrentam uma fase conflitiva, difícil. Sendo assim, a mediação do professor no ensino de literatura, especialmente do texto poético, é de suma importância. Nesse sentido, Sorrenti (2009, p. 73) diz que: “A boa leitura de um poema em classe pode-se constituir como o primeiro passo para se criar o gosto pelo texto poético”. Com esse intuito, a literatura de cordel pode ser trabalhada em sala de aula de diversas formas, a exemplo da leitura em voz alta, dos debates sobre diferentes temas, jogos, xilogravuras, encenações teatrais e produções escritas, o que pode se tornar muito prazeroso para os alunos e, por que não, para o professor também.

Acreditamos que a oportunidade de os jovens alunos conhecerem e vivenciarem os textos da literatura de cordel tenha lhes possibilitado um processo de letramento, de novas descobertas, de conhecimentos e saberes. Por isso, o cordel trabalhado em sala de aula auxiliou o desenvolvimento do gosto da leitura de poesia, e ainda pudemos vivenciar um interesse especial dos alunos, que se manifestaram em todos os momentos do percurso.

Nesse sentido, Eliane Cristina Testa (2015) afirma:

É importante lembrar que o ato de criar está relacionado também à natureza intuitiva, isto é, a ação de criar potencializa ou faz emergir nosso ser sensível. Contudo, se a criação traz à tona nosso ser sensível, se ela se origina de uma intensa inquietação emocional, nem por isso deixa de envolver o lado intelectual/mental. Portanto, a ação de criar é um ato sensível e intelectual. (TESTA 2015, p. 152)

A criação de textos poéticos acaba por exigir dos jovens discentes o envolvimento emocional e intelectual, pois eles podem ser afetados

pelas suas criações em atos sociais e psíquicos. Por isso, a criação pode desenvolver os seres humanos em diferentes dimensões.

Além disso, quanto à produção escrita dos textos cordelianos, os adolescentes puderam trabalhar com cordelistas de Teresina (PI) e, dessa maneira, conseguiram conhecer e valorizar a cena literária da produção de cordéis que está próxima a eles. Consequentemente, com as nossas ações pedagógicas e mediações, conseguimos despertar nos discentes o reconhecimento do valor cultural do cordel da nossa região.

5. As produções de cordéis dos estudantes da turma do 8º ano

Reiteramos que as experiências dos encontros dos jovens estudantes da escola rural, do ensino fundamental, com os cordelistas José Bezerra de Carvalho, Raimundo Clementino Neto, Joaquim Mendes Sobrinho; e com as cordelistas Maria Luzinete Fontenele e Josefina Gomes Ferreira Lima frutificaram em diferentes leituras e produções textuais. Assim, ressaltamos que esses “encontros” são uma parte importante do processo de ensino e de aprendizagem da poesia de cordel.

Outrossim, o trabalho com a literatura de cordel na turma do 8º ano, no ano de 2019, envolveu uma oficina de cordel, realizada pela Cordelaria Chapada do Corisco⁴⁰³. Cientes da importância do evento, lançamos o convite à turma, mas, por se tratar de uma escola rural, muitos estudantes não conseguiram participar, principalmente, pela distância. Assim, apenas duas alunas participaram conosco. Porém, a participação delas foi fundamental, porque elas compartilhavam com a nossa turma de 8º ano, o que empolgou bastante os adolescentes.

Nosso trabalho ainda incluiu uma fase – que chamamos afetuosamente de “namoro com o cordel” –, muito importante na elaboração da aplicação das sequências didáticas, porque a fase do “namoro” tinha o intuito, *a priori*, de “fisar” os jovens alunos para envolvê-los com o espírito poético do texto de cordel. E, na medida em que os alunos foram se apropriando das técnicas da sextilha (ensinadas por nós), envolvendo-se com as leituras dos versos dos cordéis: “Não ao feminicídio” e “Democracia” (os dois produzidos de modo coletivo na Oficina de Cordel, criada pelo poeta cordelista Raimundo Clementino com o apoio da Cordelaria Chapada do Corisco), os jovens aprendizes da turma de 8º ano

⁴⁰³ Destacamos que a oficina de cordel foi realizada na livreria Entrelivros, da avenida Dom Severino, em Teresina (PI), e ocorreu em quatro tardes (aos sábados).

foram se engajando cada vez mais em nossas propostas pedagógicas para o trabalho com o cordel na sala de aula.

Além do contato com os autores e do “namoro com o cordel”, nosso projeto de intervenção compreendeu basicamente os seguintes passos: leitura, compreensão e produção de cordéis. Destacamos que os trabalhos tiveram início com a aplicação de uma atividade diagnóstica realizada com a turma, para sabermos a relação dos alunos com a leitura literária. As atividades da proposta de intervenção, denominadas de sequências básica e expandida, foram batizadas com os nomes dos cordéis lidos em sala de aula. A seguir, a descrição dessas sequências:

I – SEQUÊNCIA BÁSICA:

“O Pequeno Príncipe em Cordel”, por Raimundo Clementino (adaptação do clássico de Antoine de Saint-Exupéry/ Teresina-PI, 2016).

II – SEQUÊNCIAS EXPANDIDAS:

- a) “Reabrindo a biblioteca da cultura popular”, José Bezerra de Carvalho (Zé Bezerra), (Teresina-PI: Gráfica Rima, 2004);
- b) “O cordel e o repente por caminhos diferentes”, Joaquim Mendes Sobrinho (Joames), (Teresina-PI: Gráfica Rima, 1998);
- c) “Mulher: o desafio de ser empreendedora” e “Equidade de gênero: igualdade política e social para a mulher”, Maria Luzinete Fontenele (Teresina-PI: Gráfica Rima, 2019);
- d) “Batalha do Jenipapo: a peleja piauiense pela independência do Brasil”, de Josefina Ferreira Gomes de Lima (Teresina, CCOM, 2016)

Quanto à adequação à realidade local, às nossas práticas pedagógicas e ao currículo da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), procuramos observar, em cada sequência realizada, as habilidades de leitura orientadas nas matrizes de referência da Prova Teresina – Língua Portuguesa, referentes aos bimestres das aplicações.

As atividades com a poesia de cordel foram desenvolvidas nas manhãs de sexta-feira, nas aulas da disciplina Língua Portuguesa II, por meio de sequências didáticas que envolveram o encontro com os cordelistas – autores dos cordéis a serem lidos em sala de aula –, quando a turma já era orientada por nós para a produção de sextilhas nos textos que iriam produzir. Além disso, tivemos as rodas de compartilhamento de leituras dos cordéis, com atividades voltadas ao desenvolvimento das habilidades de leitura e prática da *performance* oral.

Nesses encontros, os discentes também tiveram a oportunidade de pesquisar rimas, em dicionários de rimas fornecidos por nós ou na internet, fornecida pela escola ou em suas casas. Ademais, houve um trabalho de reescrita dos cordéis, quando necessário. Destacamos também que os

alunos optaram pelas sextilhas e usaram as rimas do tipo “ABCBDB”, bem como a métrica de sete sílabas, conforme exigência do poema cordeliano mais tradicional e usual.

6. Das entrevistas com os cordelistas à produção de cordéis

Os estudantes, incentivados e orientados por nós, antes de iniciarem suas produções poéticas, receberam, em sala de aula, as cordelistas Maria Luzinete Fontenele e Josefina Gomes Ferreira Lima e os cordelistas Raimundo Clementino Neto e Joaquim Mendes Sobrinho (Joames), para realização de entrevistas. O cordelista José Bezerra de Carvalho (Zé Bezerra) foi entrevistado em casa por um grupo de alunos. Esse momento do trabalho envolveu a leitura de suas biografias, bem como a leitura e interpretação de alguns de seus cordéis, lidos em sala de aula.

Destacamos que esses momentos das entrevistas foram muito bem planejados, organizados e dinamizados, principalmente com o intuito de preparar o terreno para a escrita de cordéis, que se daria posteriormente à visita das/dos poetisas, pois, de acordo com Koche, Marinello e Boff (2015, p. 14), é necessário que o professor inicialmente oriente seu aluno “a efetuar o planejamento do texto e a procurar informações que subsidiem sua produção, tendo em mente: o que escrever? para que escrever? a quem escrever? E como escrever?”. Desse modo, como afirmam as autoras anteriormente citadas, são as “informações” que podem fornecer subsídios (dados) às produções textuais, para que estas tenham mais consistência de conteúdo e se adequem melhor às propostas para o desenvolvimento do texto. Por isso, os exercícios práticos da escrita de cordéis implicaram todos os conhecimentos adquiridos no desenvolvimento das seqüências didáticas.

Além disso, as produções de cordéis também foram desenvolvidas de acordo com as vivências e as experiências de cada aluno com os textos de cordéis estudados. E, após a primeira escrita textual, os jovens aprendizes foram orientados a reescreverem os seus textos, para adequá-los melhor à poética do cordel. Nessa fase de produção dos textos, destacamos os estudantes produziram textos de cordel para cada cordelista participante da pesquisa, e que os cordéis foram desenvolvidos em torno das biografias e memórias de cada um. Por isso, foram realizados em primeira pessoa, como se fossem os próprios cordelistas a narrarem suas memórias/biografias.

7. Uma oficina para produção de sextilhas sobre a cena do cordel em Teresina

A penúltima atividade realizada com a turma do 8º ano foi a produção de um cordel que intitulamos: “Cena do cordel em Teresina”. Antes dessa produção, levamos os estudantes à Casa do Cantador, onde os ouviram as palavras de Pedro Mendes Ribeiro, o Dr. Pedro, que respondeu às perguntas feitas pelos alunos (e orientadas por nós), seguindo um roteiro de entrevista sobre a situação do cordel em Teresina.

Também realizamos uma entrevista com o cordelista Francisco Almeida, cujas informações foram utilizadas pelos alunos para produzir suas sextilhas, quando contamos também com exemplares da revista “De repente” e do jornal “Teresrima” como fontes de pesquisa. Depois dessa coleta de informações sobre o cordel em Teresina – PI, organizamos uma oficina de leitura e de produção de textos de cordéis. Além disso, fizemos uma exposição dessa produção em um varal de barbante, tal como o cordel em sua tradição inicial era exposto. Depois, passamos à escolha dos versos para compor um cordel coletivo.

Assim, finalizamos as diferentes ações pedagógicas, conseguindo reunir 32 estrofes — quantidade utilizada no formato de publicação de folhetos de cordéis — e as organizamos no modelo adotado pela Oficina de Cordel de Teresina, formando a produção coletiva. Todo esse processo aconteceu com a participação engajada da professora e dos alunos, e as estrofes selecionadas coletivamente (consideramos as melhores rimas e métricas) compuseram o texto “Cena do cordel em Teresina”. A seguir, vejamos o texto que retrata a cena do cordel em Teresina (PI):

O cordel em Teresina Anda junto com o repente Ele existe há muito tempo Sempre foi resplandecente Esteve em crise algum tempo Depois, tornou-se eminente. 01	O Festival de Violeiro Ocorre no mês de agosto É uma festa muito grande A alegria é pressuposto Pra fazer versos e rimas Todo poeta é disposto. 03
Foi a crise observada Em conversa com Pangula Pedro Costa foi importante Pedro Ribeiro regula A Casa do Cantador Que a cultura estimula. 02	Este ano, um fato novo Cordelistas em ação Isso não significa Que houve separação Porque sempre estarão juntos Fazendo a animação.04

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Fundou-se a Cordelaria Que ainda tem meninice Joames é o presidente E Clementino é o vice Já conversaram conosco Cada um, mil coisas, disse. 05	Aprendemos que o cordel É um poema diferente Não aceita a liberdade Que ao outro é inerente É preciso a rima observar E também ser coerente. 12
Foram cinco os cordelistas Que nós aqui conhecemos Gostamos de ler seus livros Com eles muito aprendemos Nós não somos cordelistas Mas mui bem nos comprazemos. 06	Pequeno Príncipe em Cordel Versa sobre amizade De uma obra universal Com a qual há intimidade Vimos dois filmes legais Bons pra nossa maturidade. 13
A casa do cantador É um ponto de cultura Que, com prazer, visitamos Vimos sua formosura Foi quando Pedro Ribeiro Falou da literatura. 07	O autor é homem legal Apaixonado por futebol Faz sátira e conta história Até mesmo do lençol Se duvidar ele rima Combinando com o sol. 14
O cordel em Teresina É de grande animação E faz parte de campanhas Úteis à educação É aceito pelo povo Que gosta de informação. 08	A cordelista Luzinete Que é bibliotecária Falou muito sobre leitura Importante pra nossa área Falou sobre empreender E sobre mulher empresária. 15
Existem muitos projetos Que o cordel lhes ajuda Tem o meio ambiente Que com o cordel se estuda E o Educacionildo Que o transeunte muda. 09	Josefina cordelista Cativou nossa emoção Disse: "ser cordelista Exige dedicação Tem que aprender as técnicas Da rima e da metrificação". 16
Temos em Teresina Uma biblioteca pessoal Pertencente a Zé Bezerra Um poeta bem racional Escreve sobre a fé E também sobre a moral. 10	A professora nos contou Que em Teresina há críticos E que Joames que é um deles Vai saber que somos autênticos Pois escrevemos pouco Porque não somos enclíticos. 17
Conhecemos muitos cordéis Impressos na Gráfica Rima Ficamos mui curiosos Por conhecer a obra-prima Sabemos que seu dono O futebol ele estima. 11	Joames é homem sábio Em nossa turma nos ensinou A métrica de sete sílabas E sobre a décima ele falou Escreveu uma sextilha E o exemplo nos deixou. 18

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Gostamos de ler cordéis Eles falam da cultura Tem cordel sobre a mulher E também sobre a leitura Tem história inventada Que fala de aventura. 19	Lemos e aprendemos Sobre o Festival de Violeiros Nós nunca estivemos lá Mas como bons brasileiros No próximo ano Queremos ser os primeiros. 26
Muitas vezes nossa arte Segue caminhos incertos No decorrer da história Problemas são descobertos Mas Teresina recebe Cordel de braços abertos. 20	Sobre a COCHACOR Que ainda não tem endereço Os cordelistas se reúnem Com muito apreço Na Casa do Cantador É isso o que conheço. 27
Sempre lendo as produções Dos poetas escritores O povo se diverte Nos mais diversos setores E aplaudem os repentes Dos poetas cantadores. 21	O cordel em nossa turma Começou no mês de junho A mestra e duas alunas Nos deram seu testemunho Da “Oficina de Cordel” Nos passaram seu rascunho. 28
Os trabalhos são expostos Nas feiras e bienais Vendidos nas livrarias Nas feiras artesanais Enquanto os poetas cantam Nos palcos dos festivais. 22	Pra oficina de Cordel Fomos todos convidados A distância nos deixou Meio impossibilitados Porém, por duas alunas Fomos bem representados. 29
Surgem mil dificuldades Mas os poetas enfrentam Empresários patrocinam Apologistas comentam As rádios cedem espaço As tevês os apresentam. 23	Queremos agradecê-las Dizendo muito obrigado E lhes dar os parabéns Por haverem conquistado O diploma da “Oficina De Cordel”, que lhes foi dado. 30
Ficamos sabendo de um fato Bastante interessante A paixão de Seu João Claudino Que achamos muito importante A cultura popular É para ele um diamante. 24	Parabéns, Flávia Joelma Parabéns, Maria Luiza São as nossas cordelistas E isso nos realiza Recebam suas bonecas Que nosso amor simboliza. 31
Doou a casa do cantador Coisa linda de se vê Seu João é homem de bem Que faz acontecer É dono do Paraíba Usa o ter para acolher. 25	O nosso encerramento Se deu com embolada O incrível Joaquim da Matta De forma bem camarada Alegrou nossa manhã Com uma boa toada. 32

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Quadro 1: Participantes e respectivas estrofes da produção “Cena do cordel em Teresina”.

Ana Beatriz	1, 2 e 3	Jean Charles e Raquilson	23 e 24
Andressa e Crislane	11, 17 e 18	Landerson e Felipe Gabriel	29, 30 e 31
Brenda Mirelly	6 e 19	Maria Eduarda	15 e 16
Carlos Eduardo e Jonas	8, 9 e 10	Maria Jennefer	13 e 14
Flávia Joelma e Maria Luiz	7 e 12	Mikael	26 e 27
Francisco Ailton	20, 21, 22	Sara Fernanda	4 e 5
Yasmim	28 e 32		

8. A culminância do projeto: visita de um repentista

Destacamos como a culminância do projeto a visita de um repentista, pois durante todo o percurso da aplicação das ações interventivas em sala de aula, em diversas oportunidades, os jovens estudantes puderam aprender que o cordel e o repente andam juntos na cena do cordel em Teresina (PI). Assim, nada melhor que vivenciar o repente no encerramento das atividades com o cordel. Convidamos o repentista Joaquim da Matta para um encontro com a turma e foi um dia alegre e dinâmico, pois Matta fez rimas (no repente, em *performance* oral) com os alunos, com a professora e com a diretora adjunta da escola (que adentrou a sala de aula, igualmente com bastante animação). Foi um momento bastante significativo, quiçá, inesquecível para aqueles que se deixaram envolver afetivamente durante o processo.

No mesmo dia da visita do repentista, os alunos socializaram e apresentaram a versão final de seus cordéis. Também gravamos um vídeo, com a participação de seis alunos da nossa turma: uma aluna fez as devidas apresentações dos trabalhos e os outros cinco alunos performaram oralmente seus textos, uma experiência que, para Zumthor (2005, p. 87), é uma realização poética plena na qual as palavras “(...) são tomadas num conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal faz sentido”.

Com efeito, com esse momento de vivência performática, pudemos confirmar a plenitude da realização poética manifestada na culminância de nosso percurso.

9. Considerações finais

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Temos consciência dos diferentes desafios que uma escolarização adequada da poesia apresenta em sala de aula. Por isso, acreditamos que é sempre importante planejar estratégias pedagógicas que consigam avivar uma nova experiência nos jovens estudantes. Nesse sentido, desenvolver o trabalho com o texto de cordel em uma escola da zona rural nos proporcionou um modo melhor de realizarmos a escolarização da poesia, de maneira mais prazerosa possível, bem como nos fez rever as nossas práticas docentes.

Importante destacar que, antes de realizarmos o trabalho com o cordel em sala de aula, verificamos que os estudantes ainda não tinham tido contato direto com escritores, e isso abriu espaço para planejarmos diferentes ações voltadas à escolarização da poesia. Apostamos muito nos encontros–diálogos e nas interações leitor–autor–texto como estratégias de ensino e de aprendizagem do texto poético. Além disso, os encontros entre cordelistas e alunos serviram, de modo potente, como estímulos para as produções de cordéis em sala de aula.

Nossas sequências didáticas englobaram as orientações de desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita que constam no Currículo Municipal de Teresina (PI) e nos direcionamentos da Matriz de Referência da Prova Teresina. Esses alinhamentos atendem às orientações da SEMEC. Por isso, podemos dizer que os bons frutos do trabalho com o texto literário de cordel seguem alinhados aos objetivos da efetivação do letramento literário preconizado pelas orientações do Currículo Comum do Município de Teresina (PI).

Também a aplicação prática de textos poéticos junto aos alunos conseguiu demonstrar a importância da literatura de cordel e uma possibilidade de efetivar o letramento literário na escola. Apesar de sabermos que desafios no âmbito do processo de ensino do texto poético não se esgotam com a execução de um trabalho ou de uma pesquisa, reafirmamos a importância de o texto literário se fazer presente em sala de aula continuamente, pois esse trabalho pedagógico com o texto de literatura pode nos proporcionar constante reavaliação das nossas práticas docentes. Além disso, o trabalho com o texto de poesia pode significar diferentes experiências na vida dos discentes, capazes de ajudá-los a fortalecer suas práticas sociais e psíquicas.

Por fim, podemos destacar que todas essas experiências do contato com os cordelistas proporcionaram aos jovens estudantes um contato efetivo com a literatura, e, pelo texto poético, enriqueceram a visão sobre

Círculo Fluminense de Estudos Filolológicos e Linguísticos

literatura desses estudantes, uma vez que a palavra (elemento primário do poeta), em estado de poesia, como afirma Testa (2015, p. 146), pode agradar o jovem aluno leitor e permitira ele a aquisição de habilidades leitoras sensíveis e reflexivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*. Brasília: MEC, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2017. p. 171-193.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: contexto, 2018.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali; BOFF, Odete Maria Benetti. *Estudo e produção de texto: gêneros textuais do narrar, relatar e descrever*. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2018.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Trad. de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1970.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

SORRENTI, Neusa. *A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades*. 2. ed. Belo Horizonte: autêntica, 2019.

TERESINA (Município). *Currículo da Secretaria Municipal de Educação de Teresina (SEMEC)*. Teresina: SEMEC, 2018.

Círculo Fluminense de Estudos Filolológicos e Linguísticos

TESTA, Eliane Cristina. A palavra em estado de poesia. *EntreLetras (On-line)*, v. 6, n. 1, p. 144-54, 2015.

ZUMTHOR, Paul. *Escritura e Nomadismo: entrevistas e ensaios*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.